

REPORTAGEM DE CAPA

Sandra sonha estar em diversos lugares ao mesmo tempo



Sandra Kogut, diretora do programa 'Brasil Legal': 'Se eu estiver fazendo muito vídeo ou for fazer cinema, vou ter de parar com a televisão'

A videomaker brinca de tentar subverter as leis da física com uma série de trabalhos no vídeo, no cinema e na televisão que a fazem viajar pelo Brasil afóra e ir a países como a França e o Canadá

GABRIEL BASTOS JUNIOR

Seja em vídeo, cinema ou televisão, não faltam projetos para Sandra Kogut — participação no Videobrasil, trabalhos na França e no Canadá e a nova fase do *Brasil Legal*. "Gosto de estar em mais de um lugar", diz. "Isso me alimenta."

Estado — Você vai fazer o videojornal no Videobrasil?
Sandra Kogut — Este ano o festival está comemorando os 30 anos da videovest. Então a idéia era que o jornal fosse uma retrospectiva, mostrasse personagens, fizesse uma referência a esses 30 anos. Em geral, o jornal se limita às coisas que estão ocorrendo no festival. A idéia para este ano é fazer algo maior, mais abrangente. Achei a idéia bonita e adoraria rever essas coisas. Não sou ter tempo de fazer coisa, mas a Solange (Solange Parkes, curadora do festival) está pensando em dividir o trabalho e talvez eu faça uma parte.

Estado — Até porque não temos muita coisa de referência...
Sandra — A videovest é muito novinha. Se você comparar com outras manifestações artísticas, ela tem três meses de história, passado, referência, que você acaba não parando para estudar.

Estado — Além do *Brasil Legal*, você continua com projetos no exterior?
Sandra — Estou indo para o Canadá em outubro a convite de uma instituição — Banff — que chama artistas do mundo inteiro para desenvolver projetos pessoais.

Estado — Um projeto pessoal seu pode ser qualquer coisa, considerando suas áreas de atuação...
Sandra — Comecei fazendo vídeo e depois fui fazendo outras coisas. Mas nunca considerei isso uma linha reta. Mesmo se hoje estou fazendo TV e fiz cinema, isso não quer dizer que parei de fazer vídeo. Cada coisa atende a projetos diferentes. Tenho projeto de fazer vídeos, que não faço há um certo tempo. Mas também tenho projetos que misturam situações diferentes, inclusive o que pretendo fazer no Canadá.

Estado — O que você faz na TV tem relação com o cinema e assim por diante...
Sandra — O que existe são autores. Uma pessoa que tem determinado tipo de preocupação, que é sensível a um certo tipo de coisa, vai fazer isso de um jeito diferente dependendo de cada projeto. Pode ser um filme, um vídeo ou um programa de TV. O que está por trás de todos é uma pessoa.

Estado — Isso é um aspecto que tem sido muito discutido...
Sandra — Porque hoje está tudo instaurado. Não existem mais as profissões separadas: cineasta, videomaker. Hoje se trabalha com audiovisual.

Estado — A discussão entre o que é vídeo e o que é cinema está se tornando uma questão de suporte — vídeo ou película...
Sandra — Não é tão simples. Há

formas diferentes de abordar, de fazer as coisas. Mas concordo que tenha vindo uma discussão quase técnica, secundária. Isso fez saltar o autor, a pessoa que vai estar imprimindo suas características autorais.

Estado — A TV é famosa por inibir isso...
Sandra — Em qualquer situação isso pode ser fácil ou difícil. A diferença é que, se estou fazendo um vídeo sozinho, eu e a câmera, é impossível perder o caráter pessoal. A TV é um lugar em que tudo é coletivo. Além de ter uma dimensão muito maior do que a videovest, porque você está lidando e atendendo muito mais gente. Isso não quer dizer necessariamente que é menos pessoal. A maneira de ser pessoal é que precisa ser diferente.

Estado — Você lidou naturalmente com essa mudança de atitude saindo da videovest para a TV?
Sandra — Nunca sai da videovest e isso é importante. Por exemplo: participei de um ateliê em Buenos Aires a cada dois anos e tenho muitos amigos lá. A última vez que fui lá me disseram que muita gente de minha geração que faziam videovest acabou se afastando com a televisão. A videovest era uma fase. Mas eles entenderam que nunca vão deixar de fazer videovest.

Estado — Mas hoje sua produção de vídeo está parada...
Sandra — Porque não dá tempo de fazer tudo e a TV me ocupa demais. Amanhã ou depois, se eu estiver fazendo muito vídeo ou for fazer cinema, vou ter de parar com a TV. O que estou querendo dizer é que, se olharmos a

obra com um todo, isso não tem progresso. Uma coisa não é consequência direta da outra. Posso sair da TV e ir para o vídeo.

Estado — Pode mesmo?
Sandra — Eu trabalhava na Globo e sei para fazer o *Lá e Cá*. Era diretora artística, fazia um trabalho legal, tinha uma situação confortável. Mas queria muito fazer um curta e sabia que não ia dar para levar as duas coisas ao mesmo tempo.

Estado — Você é considerada uma das primeiras autoras a produzir videovest com linguagem própria no Brasil. Como foi o início?
Sandra — Em 1984 eu cursava filosofia e meu sonho era fazer cinema. Não sabia direito como começar, não conhecia ninguém. Por acaso vi um anúncio de um curso de vídeo. Naquele época vídeo não existia. Mas fui fazer esse curso e percebi que aquilo era que nem eu: não tinha história, não era nada. Então fui descobrindo e percebendo que aquela ferramenta poderia me ajudar a encontrar uma linguagem pessoal, que não sabia o que seria.

Estado — Mas se não havia nada, quais eram suas referências?
Sandra — Eu estava bem próxima das artes plásticas. Fiz um vídeo com dois artistas plásticos, o Alexandre Davosta e o Ricardo Basbaum, que tinham um trabalho de intervenção urbana e denominavam a Dupla Especializado. Também fiz algumas coisas com o Barrio.

Estado — Mas você não estava tão sozinha assim...
Sandra — A primeira vez que fiz um filme, dependendo do vídeo que fiz, descobri que havia outras pessoas pensando aquelas coisas. Foi um alívio, pois eu não sabia se tinha mais alguém no mundo que fazia aquilo. Durante esses anos, eu sempre falava:

"Fago vídeo, isso não é cinema, não é televisão." Como o vídeo ainda não era nada, foi preciso criar esse espaço para ele existir. Só foi possível fundir as coisas hoje porque num momento essa diferença foi feita.

Estado — Nessa época você já experimentava outras possibilidades da videovest...
Sandra — Lembro que em 1988 fiz um projeto grande com seis videointerlações no Rio. Só que ninguém tinha a menor intimidade com aquilo. A referência era o *TV Garden* do (Nam June) Paik, montado no MAM em 1976. Alguns artistas plásticos já haviam feito vídeos na década de 70, mas esse material se perdeu. Eu sei que existe, mas nunca vi. Lembro como tudo que eu fazia era novo e estranho.

Estado — Como você encontrou seu caminho?
Sandra — Foi instintivo. Sempre que a fazer um trabalho me perguntava por que tinha tão pouca gente próxima fazendo o que eu fazia. Minha maior troca sempre foi com quem não fazia vídeo, mas estava ligado a isso de alguma forma. Compartilhávamos uma forma de ver o mundo, de pensar.

Estado — Isso mudou?
Sandra — Comecei a conhecer quem também estava fazendo. E isso foi fora do Brasil, quando fui para a França fazer o *Parabolic People*. Foi engraçado porque comecei a conversar com pessoas de quem eu era fã. Esse tipo de troca é muito importante, mas era difícil de ter aqui.

Estado — Esse isolamento não a incomodava?
Sandra — Sempre pensei muito sobre isso. A diferença entre você e as pessoas, você e a situação, sempre foi um tema do meu trabalho, da minha vida. Estudei em escola francesa, tive uma educação diferente, sempre me interessei pela diferença. E o Brasil é um lugar que sugere esse

assunto. Outros lugares do mundo têm coisas diferentes, mas aqui elas se misturam de maneira diferente.

Estado — E a facilidade, onde foi parar?
Sandra — Quando penso nisso, acho engraçado. Adorava estudar, fazer coisas na FUC, só tirava notas altas. E larguei tudo para fazer vídeo, que, realmente, não era nada. Mas acho que isso acabou sendo positivo porque me fez manter aquela curiosidade do tempo de universitária. Acho que vou ser uma estudante até o final.

Estado — Você largou tudo para fazer vídeo?
Sandra — Eu vivia de vídeo porque não tinha outra opção. Montei uma produtora, a Antevê, com 20 anos, não só para meus projetos, mas para me sustentar. Mas nunca entendi isso como um problema. Desde cedo sabia como deveria me relacionar com os trabalhos comerciais.

Estado — Você tem outros projetos na França...
Sandra — Devo voltar lá para dar aula como artista convidada na École des Beaux Arts de Rennes. Também tenho um projeto com um produtor de Marne-la-Vallée para fazer um curta nos Pirineus. É um projeto de livre criação desde que se passe em uma pequena cidade naquela região. Vou lá a lá para ver algumas locações e filmar no fim do ano. Ainda está um pouco uma instalação em Paris. Vai ficar no terço de uma biblioteca que está para ser inaugurada e tem uma das vistas mais lindas do mundo. Como nenhuma imagem seria melhor que aquela vista, vou fazer grandes janelas e intervir com textos, como se fossem legendas para as paisagens. Além de ser interessante mexer com palavras, já que se trata de uma biblioteca.

Estado — É engraçado como seu espírito viajante se transforma em uma relação com o indivíduo e sua origem dentro da sua obra...
Sandra — Não sempre. Em *Parabolic* queria justificar as coisas todas na mesma situação. A cabine com fundo preto podia ser em qualquer lugar do mundo. A minha intenção era vir as pessoas do contexto. A idéia era ser se é possível saber de onde é uma pessoa sem nenhuma referência, só olhando para seu rosto. Ao mesmo tempo, delimita a coletânea geral de imagens e fazendas em cada lugar que passei, influenciando uma espécie de inventário.

Estado — Mas se essas coisas estiverem presentes ao mesmo tempo, não se para para o universo parabolico. Por isso o *Parabolic* é um vídeo que não deve ter versões em outras línguas. As próprias imagens deveriam ser como legendas. Isso é bom. Cria referências diferentes no público em cada lugar porque depende de que parte eles entendem textualmente e o que apenas percebem a partir das imagens.

Estado — E como as pessoas estiveram em via da realidade...
Sandra — A *Parabolic* é quase o oposto de *Lá e Cá*, que é um filme baseado em uma realidade muito palpável, verossímil. Em *Parabolic* criei um universo meu, até no tratamento da

imagens. Talvez pelo hábito de assistir filmes legendados, nunca dirigi meu foco para o centro da imagem. Sempre tive uma visão mais aberta. Em *Parabolic*, as bordas são tão importantes quanto o centro. Algumas pessoas reclamaram que é informação demais na tela, mas é uma questão de educação visual diferente.

Estado — Mesmo diferentes, ambos convergem para o ser humano...
Sandra — Eles compartilham um tipo de sensibilidade, o humano mesmo. É tudo muito delicado porque o cinema permite um tipo de sensibilidade própria. Talvez esse seja o ponto comum entre eles e também com o *Brasil Legal*. O programa também tem uma característica humana.

Estado — O caráter humano mais forte é nas *Videocabinas*...
Sandra — As cabinas foram feitas com durez mesmo — eu não tirava dinheiro nenhum. A tecnologia que eu tinha disponível era mínima — tudo dependia mesmo do calor humano. Era um confronto entre idéias e pessoas porque o vídeo tem tantas possibilidades, tantos recursos técnicos que o autor fica dividido entre o humano e a interferência. Nos cabinas o lado humano é o mais forte.

Estado — Essa divisão sempre foi a sua marca...
Sandra — Sempre estive dividida. Mas em *Parabolic* a idéia é mais forte. Ele ficou mais frio no sentido do calor humano. Criei outros níveis em paralelo tirando a atenção do espectador que está na cabine. Com as imagens paralelas e todas as outras interferências eu dizia a minha mensagem junto com as pessoas.

Estado — A humanização maior ou menor tem algum papel...
Sandra — O que você tem para dizer está de acordo com o momento na sua vida.

Estado — Durante um tempo, eu queria estar gravando o tempo todo, andando com um handycam para todos os lados. Cheguei a pensar em fazer um filme ligado a uma microcâmera para que meu olho fosse mesmo uma câmera. As pessoas que convivem comigo não ficam disso e acabam se acostumando. Perguntavam se isso alterava a minha relação com as pessoas. Eu sempre dizia que sim, que elas se preocupavam em ser legais e dizer coisas inteligentes. Foi uma obsessão. Sempre tive a idéia de que você vive a vida fazendo um filme, vendo as coisas em planos, falando diálogos, colocando trilhas sonoras. Comecei a achar que para cada função da indústria existe uma correspondência na sua vida e querias vivenciar e mostrar isso.

Estado — Foi assim que nasceu o *En Franca*, seu primeiro curta?
Sandra — Fiquei gravando durante dois anos e percebi que não podia passar metade da vida captando imagens e a outra metade atendendo ao que tinha gravado. Resolvi avaliar o material, que deu origem ao *En Franca*. Usei uma parte das imagens e filmei o resto em um vídeo curto e um vídeo vivo. É uma história de amor. Mas nunca o considerei como um curta. Fiquei surpresa por ter sido premiado em Oberhausen.

Estado — E como você parou na Globo, dirigido o *Brasil Legal*?
Sandra — O programa já estava sendo bolado por um grupo de pessoas muito próximas a mim: a Regina (Case), o Hermanno Vianna, o Sérgio Mekler, o Beto. Eles já trabalhavam juntos no *Programa Legal*, do qual o projeto herdeu muita coisa, e participaram do *Lá e Cá*. Então me chamaram para dirigir.

Estado — O programa tem muito desse caráter humano. Além de ser andarrail, como você...
Sandra — Não início o conceito geral de ir viajar o Brasil para encontrar as pessoas. Este ano o eixo foi se deslocando para pessoas que tratam as pessoas como animais com características, agora conhecidas, agora pessoas rituais criativas como se fossem grandes ventos. Continuamos viajando para manter a identificação nacional do programa, mas o ato de pegar o ônibus, por exemplo, poderia ser mostrado em qualquer cidade. Mas a idéia continua sendo criar dispositivos para chegar às pessoas.

Estado — Você não lida com o fato de ter projetos na França, no Canadá e no Brasil ao mesmo tempo?
Sandra — Gosto de estar em mais de um lugar. Isso me alimenta. Sempre confortável em qualquer ponto do mundo, assim como posso me sentir estranha no Brasil. Isso talvez tenha relação com minha formação multicultural. Em Moçambique, fiquei surpresa de reconhecer míseras típicas que me foram apresentadas pelos meus avós. Na França morei em um bairro judeu e achava as lojas de comida típica tão familiares quanto um café brasileiro vendendo feijão. Viajando percebi como sou brasileira, mas também as misturas que me formam.

E LA VAI PARTICIPAR DO VIDEOJORNAL DO FESTIVAL VIDEOBRASIL, A SER REALIZADO EM NOVEMBRO

Encontros
Notáveis